

XII Jornadas sobre a função social do museu - Nazaré 2000

Alfredo Tinoco

Na planificação que tenho de fazer da minha vida para todos os anos, uma das primeiras coisas que aponto na minha agenda é a data das Jornadas sobre a Função Social do Museu.

E já são 12 vezes que vou olhando para a agenda com ansiedade para ver chegar o dia do reencontro com tantos e tantos companheiros espalhados pelo país.

Por vezes, e é o caso hoje, além daqueles que reencontro, vejo muitos pela primeira vez. Ainda bem! É bom sinal. Por isso, permitam-me que recorde aqui quem somos, como nascemos e porquê.

As mudanças sociais e económicas do pós-guerra e que se acentuaram nas décadas de 50 e 60 geraram novas relações de força e novos entendimentos políticos. O campo cultural não podia ficar indiferente a tais alterações cuja amplitude ultrapassou tudo o que a humanidade tinha conhecido nos últimos 10 séculos.

De facto, vários factores, tais como a revolução tecnológica dos anos 50 e 60, a afirmação das identidades nacionais, o alargamento da escolaridade a fatias cada vez maiores da população, colocaram algumas regiões do nosso mundo na vanguarda das tecnologias de comunicação e proporcionaram a emergência de novos movimentos e de redes culturais que ultrapassaram fronteiras.

É neste contexto de mudanças profundas que nasceu o MINOM.

Encontros informais entre museólogos franceses, entre militantes dos ecomuseus no Québec, animadores dos museus locais que iam surgindo em Portugal, entre africanos que viam na museologia uma alavanca para o avanço cultural, foram tendo lugar no início dos anos 80.

Em 1983 por ocasião da XII Conferência do ICOM que teve lugar em Lourdes começou a organizar-se um primeiro núcleo de homens e mulheres que apostavam na renovação da museologia.

Gente vinda da Europa da América, da África, que, em muitos casos, tinha uma longa experiência de lutas culturais, começava a interrogar-se sobre a actividade das instituições e das organizações internacionais demasiadamente estruturadas e votadas à manutenção do “status quo” e ao imobilismo.

Foram esses que em 1984 se reuniram e aprovaram a Declaração do Québec, uma tomada de posição colectiva, de museólogos e agentes culturais que se reviam e se reivindicavam da Declaração de Santiago do Chile de 1972. Como ponto de apoio principal e que afirmavam a preponderância da função social e política no seio das actividades culturais.

O Movimento nascia. E requeria às instituições museais e aos museólogos que se abrissem às realidades sociais dos nossos dias e que tomassem parte activa nos debates e nas lutas das sociedades em que se inserem. E que melhor lugar para isso do que o Museu? Já que o MINOM define o Museu como o lugar por excelência da COMUNICAÇÃO entre pessoas e grupos sociais.

Um ano mais tarde, em Novembro de 1985 teve lugar em Lisboa a fundação oficial do Movimento Internacional para uma nova museologia hoje, Organização afiliada ao ICOM.

De então para cá não têm faltado as ocasiões de encontro e reflexão: em Totten (Noruega) sobre as minorias e o papel da museologia; em Aragão (Molinos), na Suécia, no Québec em 92 para discutir as “famílias do espírito”. No México em 96 para uma reflexão profunda sobre o Desenvolvimento Sustentado e o papel da museologia nele e, finalmente, há poucos meses em Salvador (Brasil) onde, por ocasião do 10º aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, nos debruçámos sobre as responsabilidades do museu perante a infância e a juventude.

Dentro deste movimento internacional é justo salientar o papel activíssimo que tem cabido ao agrupamento português.

Muito do prestígio, do reconhecimento que o MINOM tem colhido; muita dinâmica que o movimento tem conhecido; muitas das causas em que se tem empenhado com sucesso, tem ficado a dever-se à militância de muitos de nós.

E creio que a este prestígio internacional não é alheia a realização, ano após ano, destas Jornadas sobre a Função Social do Museu. Podeis estar certos de que, neste momento, muitos companheiros, no Canadá e na América do Norte, no Brasil e no México, aqui ao lado em Espanha e por essa Europa fora, e em vários pontos de África esperam ansiosos que lhes comunique que as Jornadas foram um sucesso e esperam ansiosos que lhes enviemos as conclusões.

É que estas Jornadas, constituem já para muitos, por esse mundo fora, um modelo. O Tema que escolhemos para este ano não é a primeira vez que o abordamos. Mas vale a pena discuti-lo de novo já que a comunidade internacional lhe confere a máxima importância. Hoje é unanimemente reconhecido que o “turismo é um facto social, humano, económico e

cultural irreversível que vai exercer no meio ambiente do homem em geral e nos sítios e monumentos em particular uma influência significativa. Para se manter a níveis suportáveis essa influência deve ser cuidadosamente estudada e ser objecto a todos os níveis duma política concertada e efectiva”.

Isto era o que nos aconselhava o ICOM em 1976. É isso que continuamos a fazer. Que estamos a fazer aqui durante estes três dias. Porque sabemos que o Turismo Cultural tem de ser um elemento positivo da solução global que se exige para a resolução do problema do património e do desenvolvimento das comunidades.

Não queria terminar sem agradecer muito àqueles que nos apoiaram nestas Jornadas. E desejo a todos em nome do C. A. do MINOM, três dias de trabalho profícuo e de excelente convívio.